
Olaf Kaltmeier (2019):

Refeudalización: Desigualdad social, economía y cultura política en América Latina en el temprano siglo XXI

Bielefeld: Bielefeld University Press.

Rodrigo Aldeia Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Olaf Kaltmeier aborda a atualidade a partir de debate teórico sobre o conceito de refeudalização. Traça paralelos entre o universo feudal e o presente, identificando-os como tendência global, com causas e repercussões específicas na América Latina, onde é visível a persistência de estruturas coloniais. Em diálogo com autores como Colin Crouch, Sighard Neckel e Zygmunt Bauman, e utilizando dados estatísticos globais e regionais, sugere que vivemos intensa degradação social, numa nova ordem que se assemelha ao feudalismo de diversos modos.

O mundo atual é marcado pelo prefixo pós, em exemplos como pós-fordismo, pós-modernidade e pós-colonialismo. Tal discurso dá falsa ideia de avanço, que oculta decadência e desigualdade social, bem como perda de direitos políticos e econômicos da maioria da população ante a chamada aristocracia monetária (Kaltmeier 2019: 10). O prefixo re em refeudalização afirma continuidades que se sobrepõem às rupturas do pós.

A refeudalização apresenta-se em cinco dimensões, analisadas nos capítulos principais: forte desigualdade social, que nos aparta do ideal democrático de igualdade; neofeudalismo econômico com concentração de riquezas e reorganização

econômica dos grandes grupos financeiros e da lógica do trabalho; decadência de valores aliada a um padrão estético aristocrático de ostentação de riqueza; segregação do espaço, com avanço de muros e fortalezas; e colonização da política pela aristocracia monetária, que reforça contrastes e dissipa limites entre público e privado.

O capítulo “Refeudalização da estrutura social” afirma que o poder econômico é crescente, e a estrutura social já lembra um *nouveau ancien régime* (18). Temos uma diminuta casta de bilionários, uma classe dominante de cerca de 10% da população – variando de 5,2% no Brasil a 13,9% na Venezuela (27) – e um terceiro estado com forte heterogeneidade cultural, étnica e social. A polarização social e a precarização da classe média criam uma ordem estamental que erode o princípio burguês da igualdade de direitos.

No capítulo seguinte, “Refeudalização do modelo econômico”, a elite latino-americana é descrita como baseada em fortunas da era colonial, com posterior influxo de capital de imigrantes europeus. A acumulação dinástica da riqueza consolidou monopólios econômicos e privilégios sociopolíticos. De modo

distinto da refeudalização global, marcada pela aristocratização da burguesia e destituição da renda do trabalho, na América Latina o processo apoia-se no latifúndio agroexportador – herança colonial e força motriz da economia da região. O avanço do extrativismo segue em constante expropriação que equipara os trabalhadores à condição de servos medievais. Expropriação violenta de terras camponesas e indígenas, que favorece a valorização e acumulação de terras, mas também uma ampla privatização de bens comuns (67): serviços relacionados a recursos naturais, pensões e aposentadorias (especialmente no caso do Chile), biopirataria e expropriação da riqueza comum por evasão de impostos e transnacionalização de capitais em paraísos fiscais.

O ensaio discute também o narcotráfico, elemento fundamental do sistema financeiro internacional com especial destaque na América Latina. Narcotraficantes são como novos senhores feudais – em conexão com o conceito de warlord –, mantendo relações feudais como cobrança por segurança, com força militar própria, acúmulo de riqueza e distinção de caráter aristocrático – os barões da droga. Kaltmeier fala em “sistemas de governo neopatrimonial” na relação dos senhores da guerra com as autoridades, no que chama de “economia da violência” (70). Frisamos a relevância da questão no Brasil, onde o tráfico disputa território com milícias formadas por policiais corruptos, que cobram por proteção e acesso a serviços. Isso ameaça e invade as funções do Estado, como as

guerras locais entre senhores feudais do período medieval.

Em capítulo dedicado à identidade, o autor expõe o caráter aristocrático das elites latino-americanas, com tendência à formação de identidades e expressão de status na ostentação de riqueza. Porém, para outras classes sociais, o acesso restrito ao consumo e o fascínio pela distinção aristocrática, associado ao culto às celebridades, revertem-se numa massificação da aspiração ao luxo. Isso leva, pela via do cartão de crédito, ao aumento de endividamento gerando novas formas de escravidão por dívida.

Cidadelas, fortalezas e muros é o capítulo que ilustra as estratégias de proteção da elite, como fortalecimento do controle de fronteiras e endurecimento das políticas migratórias, mas também condomínios fechados para segregação dos segmentos vistos como inferiores, em movimento que restringe a vida pública e cria homogeneidade étnico-social. A branquitude aristocrática da era colonial é forte na segmentação étnica latino-americana. O autor cita a nostalgia retrocolonial do imaginário das classes dominantes, em referência à ancestralidade rural tradicional. O atual giro político à direita retoma valores “tradicionais” contra a ascensão de grupos marginalizados, evidenciando conflitos étnicos, frente a afrodescendentes e indígenas, de gênero, contra os movimentos de mulheres e homossexuais, e de caráter antissocial, contra as classes populares.

O capítulo “Milionários no poder” aborda

a ligação entre poder econômico e campo político como marca vital da refeudalização e vê o processo conjugado à permanência da estrutura colonial na América Latina, criando domínio econômico sobre a política. Apesar do processo de democratização política na virada do século XXI, que alçou lideranças populares como Lula da Silva, Evo Morales e Hugo Chávez, o posterior recrudescimento neoliberal vem reforçando o avanço econômico sobre a esfera política.

O último capítulo traz propostas de superação da refeudalização em direção a um possível novo comunismo: aumento de impostos sobre heranças, bens imóveis e circulação financeira; reforma agrária e formas alternativas de uso e posse da terra; estrutura de compartilhamento do conhecimento; combate à face oculta do capitalismo pela legalização das drogas; e fortalecimento de ações e entidades comunitárias pela defesa do espaço público, numa passagem do consumismo para uma cultura do “cuidado” (136), de atenção ao outro e ao planeta.

O ensaio é um rico debate sobre refeudalização e seu arranjo particular na América Latina. Apresenta inferências socioculturais pertinentes para a análise das estruturas de poder e da desigualdade social. Marcada pelo passado colonial e pela hierarquização social, a região vê a consolidação desses processos junto à dissolução dos parques avanços sociais conquistados. Kaltmeier analisa a sociedade latino-americana com vistas à reversão da refeudalização e criação de nova visão redistributiva

contra a aristocratização da burguesia e a conformação de uma sociedade estamental. Apesar de genéricas, suas sugestões são pertinentes e adequadas, embora representem contraposição direta ao poder da aristocracia monetária, numa batalha desigual. Sua ênfase na herança colonial nos faz questionar se de fato podemos falar em refeudalização, ou sobre uma estrutura neofeudal desde a colonização, nunca de todo superada. O próprio autor salienta que o conceito tem sido aplicado com foco na análise da ação dos grandes grupos econômicos e na precarização do mercado de trabalho. Assim, o futuro da América Latina pode estar não no debate entre re e pós, mas no perene neo e nas estratégias para suplantar esta repetição da história como farsa.